# JOHN F. KENNEDY

JOSÉ AURÉLIO CÂMARA

Em fins de junho último chegava eu a Frankfurt, poucas horas após a passagem ali do presidente dos Estados Unidos.

Na bela tarde ensolarada do verão europeu, a cidade alemã que maior renascera dos escombros da guerra, ostentava ainda as flâmulas e as bandeiras com que se adornara para receber em delírio o inimigo decidido de ontem e o amigo não menos decidido de hoje.

Fôra uma recepção triunfal, a maior, talvez, já prestada pela Alemanha de após-guerra a um visitante estrangeiro.

De Stuttgart, pelos televisores fartamente distribuídos pelos cafés, lojas e **hall** dos hotéis, eu acompanhara pela manhã parte das homenagens que o povo alemão tributara ao homem que, numa hora decisiva do seu destino, viera reafirmar-lhe a segurança do apoio e da solidariedade da maior nação da terra.

A multidão delirava. Velhos e moços, homens, mulheres e crianças comprimiam-se na disputa de melhor ver e ouvir aquêle jovem despenteado. de fisionomia irradiante de simpatia e mocidade, e em quem a mais alta posição política do Ocidente e talvez do mundo não anulara a risonha simplicidade e a eterna feição de garôto jovial e tranqüilo.

Na mesma tribuna, a seu lado, a velhice austera de Konrad Adenauer ainda mais realçava a mocidade de Kennedy, o qual, contagiado pelo entusiasmo da massa, ovacionado como um semideus, confiadamente risonho e estuante de vida e de poder, não permitiria ao mais ousado pessimista profetizar-lhe que cinco meses depois seria um cadáver.

Guardo daquela cena lembrança imorredoura. E quando em seu discurso, ao referir-se à viabilidade de uma guerra

atômica, fêz a famosa e grave afirmação de que "nós americanos arriscaremos a sorte de nossas cidades para defender as vossas", o entusiasmo e os aplausos atingiram a uma intensidade difícil de descrever.

Não é grande na História o elenco de homens como John Fitzgerald Kennedy, em cuja vida se adensava um conjunto raro de atributos e de condições propiciadoras de uma grandeza incomum.

Mais parece uma figura de tragédia grega, emersa das brumas helênicas como um herói de Homero a quem os deuses cometessem a missão de manter acesa entre os homens a crença nos valôres eternos do espírito.

É pois admirável que proviesse precisamente de um meio que tem na exaltação dos valôres práticos e utilitários da vida a sua marca tradicional, e maior serviço não terá prestado à sua discutida pátria que ter procurado com ela identificar-se nas horas mais decisivas da sua história. Conseguiu mostrar ao mundo, e o fêz sacrificando até a vida, que os Estados Unidos não são apenas Wall Street nem a mancha da segregação racial, nem o capital colonizador ou o intervencionismo político, mas também e sobretudo êles são John Fitzgerald Kennedy.

Foi grande e seria intrìnsecamente grande em qualquer época e em qualquer lugar, mas é inegável que o tempo e o meio em que desenvolveu sua nobre atividade concorreram para torná-lo ainda maior.

Num mundo de acomodações e transigência, sobressaiu pela eloqüência dos contrastes, pela obstinação e o desafio com que enfrentou as insinuações que o envolviam.

Rico num país de ricos, não encontrou na riqueza senão o estímulo incessante para o estabelecimento universal da justiça social e a eliminação da miséria.

Herói da guerra, com muito maior orgulho ia conquistando merecidamente a glória maior de herói da paz, de campeão do entendimento e da solidariedade entre os povos.

O mais jovem presidente eleito de seu país, conduziu-o com a prudência, o acêrto, a energia e a sábia determinação que raramente se descobre nos seus provectos antecessores.

O fato de ser católico autêntico não o impediu de tornar-se o chefe autorizado e respeitado da maior nação protestante da terra, nem hesitou romper liames de conveniências e de convencionalismo para formar na primeira linha dos que combatem na América a vergonha da discriminação racial.

Envergadura nata de estadista, lastreada por uma cultura haurida nos livros e no labor perseverante de tôda hora, teve sabedoria e fôrça para substituir na presença americana no mundo a política dos monólogos superados pelo diálogo corajoso dos que sabem falar e ouvir a voz dos tempos.

Neste particular revelou-se um dos grandes condutores de nações da sua época, muito se assemelhando com o outro grande João, o Papa Roncalli, com quem hoje se identifica pela morte como ontem se identificava pelo ideal comum de paz e bem-estar da humanidade.

Sucedendo em janeiro de 1961 à medíocre administração Eisenhower, governou menos de três anos, mas tão curto período bastou-lhe para elevar os Estados Unidos a uma posição de prestígio econômico e militar ainda não vistos, enquanto sua energia inflexível, seu bom senso e compreensão carreavam para sua pátria uma autoridade moral ainda não atingida anteriormente.

O restante do seu mandato e o segundo quatriênio que lhe viria por fôrça de uma reeleição inevitável, iriam permitir ao Presidente Kennedy impor um ponto de inflexão na História e dar aos Estados Unidos a posição de liderança que dêle o mundo espera mas que esperará em vão se no seu leme não estiverem homens da estatura de um John Kennedy.

A êste homem extraordinário, a quem a pletora de qualidades pessoais colocava em nível mais elevado que a quase totalidade dos estadistas do seu tempo, não faltavam qualidades profundamente humanas, simples e adoráveis qualidades, que o tornaram um morto mais pranteado e sentido do homem do povo de tôdas as nações que das elites que o cercavam.

Filho, espôso e pai extremoso, parecia que era no quente convívio do seu lar, no extravasamento do carinho e da bondade que êle nutria de fôrça e de iniciativa o seu grande espírito. Era um homem que sabia por que ideais lutava, pois só quem viveu intensamente o amor e a liberdade pode por êles lutar sem receios e sem tergiversações.

Para o continente americano, sua morte, numa encruzilhada dramática de sua evolução histórica, traduz uma lacuna de difícil preenchimento.

Após um longo período de omissões, de incompreensões e de erros nas relações entre os Estados Unidos e as coirmãs continentais, surgiu à frente da nação líder do hemisfério alguém com a visão segura do problema e o ânimo forte para resolvê-lo.

Foi no dia mesmo da sua investidura que Kennedy, numa oração que, por sua grandeza e elevação só encontra paralelo na que pronunciou Lincoln há cem anos em Gettysburg, lançou os fundamentos da sua grande obra de soerguimento e progresso econômico dos povos americanos. Daí surgiria a **Aliança para o Progresso,** filha da sua visão de estadista, e em relação à qual tôdas as críticas e negações não anularão o generoso e elevado propósito com que foi criada.

Sòmente a sordidez e a vileza dos que se nutrem da miséria e da desordem, dos que precisam da perenidade da fome para a semeadura do ódio e da descrença, combatem uma iniciativa cujo êxito ficará para sempre comprometido sem a contrapartida da cooperação e da boa vontade.

A melhor semente não germinará em solo hostil e sáfaro, e já lembrava o Padre Vieira que nada vale o sal se a terra não se deixa salgar.

Mesmo sabotada, negada, atacada e incompreendida, a **Aliança para o Progresso** valerá sempre como um monumento imperecível ao grande espírito e ao grande coração do seu imortal idealizador.

Estadista, político e diplomata, herói da guerra e campeão da paz, jornalista e escritor de nomeada, detentor de cobiçadas láureas universitárias, deputado, senador e o mais jovem presidente da maior nação da terra, rico, môço e bem casado, transbordante de merecido prestígio e de imensurável poder, não lhe negou sequer o destino uma morte sem dor e um adequado fim.

Tombou no seu pôsto de luta, como disse Churchill, no ápice de sua grandeza, perpetuado na lembrança dos pósteros com aquela fisionomia alegre e môça que as desilusões não puderam marcar nem o tempo envelhecer.

Como quem dá tudo na certeza de que em breve tudo será tomado, nada lhe negou o destino em troca de uma existência curta e valorosa. Uma vida longa talvez o fizesse enfrentar as amargas decepções que levaram Wilson, outro presidente americano de projeção mundial, a ser, no fim da jornada, contraditado e negado na sua própria pátria.

Sentimos, no entanto, que com a sua partida perdeu o Ocidente o seu grande líder e a liberdade o seu intimorato lutador.

Ficou o mundo mais vazio com a morte de apenas um homem. Como escreveu um dia Lamartine, "num momento, um único ser nos falta e tudo se torna despovoado e triste".

Fortaleza, novembro de 1963